

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE – IEFE
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – LICENCIATURA

LAURA STEFFANNY LEAL PITANGA

**(DES)INVISIBILIZANDO PESQUISAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EJA:
SABERES E NARRATIVAS EM CONSTRUÇÃO**

MACEIÓ

2020

LAURA STEFFANNY LEAL PITANGA

**(DES)INVISIBILIZANDO PESQUISAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EJA:
SABERES E NARRATIVAS EM CONSTRUÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para a aquisição do título de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Prof^a Ms. Nara Elisa Gonçalves Martins de Oliveira.

MACEIÓ

2020

Catlogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

P681d

Pitanga, Laura Steffanny Leal.

(Des)invisibilizando pesquisas na educação física na EJA : saberes e narrativas em construção / Laura Steffanny Leal Pitanga. – 2020.
32 f.

Orientadora: Nara Elisa Gonçalves Martins de Oliveira.

Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Educação física) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Educação Física e Esporte.
Maceió, 2020.

Bibliografia: f. 29-30.

Apêndice: f. 32.

1. Educação física e treinamento. 2. Educação de jovens e adultos. 3.
Representações sociais. 4. Corpo (Educação física). I. Título.

CDU: 796-053.6-053.8

Folha de Aprovação

Autora: LAURA STEFFANNY LEAL PITANGA

(DES)INVISIBILIZANDO PESQUISAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EJA: SABERES E NARRATIVAS EM CONSTRUÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para a aquisição do título de Licenciado em Educação Física.

Profª Orientadora: Nara Elisa G. Martins de Oliveira.

Banca Examinadora:



Profª Ms. Nara Elisa Gonçalves Martins de Oliveira (Professora Orientadora)



Profª Drª. Leonéa Vitoria Santiago (Presidente da banca) UFAL



Profª Msc. Ana Luísa Tenório dos Santos (Membro externo)

AGRADECIMENTOS

“Eis que eu envio um anjo diante de ti, para que te guarde pelo caminho, e te leve ao lugar que te tenho preparado” Êxodo 23:20

Início meus agradecimentos usando esse versículo que me marca desde pequena. Agradeço primeiro a Deus por seu amor e misericórdia em minha vida, pelas oportunidades que me deu e pelas pessoas que colocou em meu caminho ao longo desses 23 anos.

Aos meus avós, Maria de Fátima e Amauri Leal, a quem devo tudo que sou hoje e que com amor me ensinaram um caminho digno pelo qual devo andar e não me desviar, sempre lutando de forma justa e honesta. Os amarei e serei grata eternamente!

A minha mãe, Fabiane, que ao longo da graduação não me deixou desistir, abrindo mão dos seus afazeres para cuidar do bem mais precioso que Deus poderia me presentear. Obrigada por sempre me incentivar e ajudar, você é um exemplo de força para mim.

A minha filha, Maria Beatriz, que é minha força para a realização dos sonhos. Sua chegada me fez ter um motivo maior para enfrentar a luta da vida, és o meu amor maior, sua pureza me faz ver a vida com outros olhos.

Aos meus irmãos, que são minhas fontes de inspiração, sigo os passos dos mais velhos que são meus exemplos e desejo ser exemplo para meus irmãos mais novos. Os amo!

Aos meus tios, primos e sobrinho, que com amor sempre se mostraram orgulhosos pelo meu caminhar e me incentivaram a não parar. Gratidão, família!

Ao Wallison, que com muita paciência esteve ao meu lado e foi um suporte para que eu não desistisse do meu sonho. Obrigada por se fazer presente sendo esse namorado dedicado.

A minha orientadora, Nara, que com carinho conseguiu me mostrar que eu podia mais. Obrigada!

Aos meus amigos. Gratidão a todos que fizeram parte desse ciclo!

RESUMO

Este estudo possui uma abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica com caráter exploratório (SILVEIRA; CORDOVA, 2009) e análise de conteúdo de GUERRA (2006) e teve a seguinte questão de investigação: como a produção acadêmica vem relacionando a Educação Física e a Educação de Jovens e Adultos no período de 2004 a 2014? O estudo traz como objetivo geral: (des)invisibilizar e analisar a produção acadêmica que relaciona a Educação Física e a Educação de Jovens e Adultos no período de 2004 a 2014 (10 anos). Recorreu-se a duas fontes de dados, uma sendo o repositório Google Acadêmico, e a outra sendo a entrevista semiestruturada realizada com uma professora da EF. Assim, duas categorias e duas subcategorias temáticas foram elaboradas à *posteriori*, sendo a primeira categoria: - Representações Sociais: olhares sobre a EF na EJA e sua subcategoria: - Sentidos construídos: o corpo na pesquisa da EJA e a segunda categoria: - Direito à EF na EJA: traçando caminhos e sua respectiva subcategoria: - Narrativas e saberes específicos construídos na EJA. Os resultados apontaram que os autores das publicações buscaram conhecer a representação social da EF na EJA e também retrataram o direito que os trabalhadores-estudantes têm de terem acesso aos conhecimentos da disciplina de EF inserida na EJA. Os resultados a partir das narrativas da professora de EF apontaram para a temática das representações sociais, assim como nas publicações científicas analisadas. Conclui-se que ao (des)invisibilizar os artigos analisados, percebeu-se o quanto ainda é baixa a produção acadêmica que relaciona a EF e a EJA, o que atenta para a necessidade de maiores estudos sobre esses campos, embora, os artigos apresentem com clareza os direitos que os trabalhadores-estudantes têm de terem acesso a EF na EJA.

Palavras-chave: Educação Física. Educação de Jovens e Adultos. Representação Social. Corpo.

ABSTRACT

This study has a qualitative, exploratory bibliographic approach (SILVEIRA; CORDOVA 2009) and content analysis by GUERRA (2006) following this research question: How has academic production been relating Physical Education and Youth and Adult Education from 2004 to 2014? The study aims to: make visible and analyze the academic production relating Physical Education and Youth and Adult Education from 2004 to 2014 (10 years) The survey of academic productions was performed in the database: Google Scholar and semi-structured interview conducted with a PE teacher.). Thereby, two thematic categories and two subcategories were raised a posteriori, respectively: - Social representations: views on PE in the EJA and the subcategory: Right to PE in the EJA: tracing paths and - Constructed feelings: the body in the research of the EJA and its corresponding subcategory: - Narratives and specific knowledge of the EJA. In this direction, there is an emphasis on student-worker understanding of the fields. We also noticed that the authors portrayed the right that student workers have to have access knowledge of the PE discipline inserted in the EJA, as the discipline has been tracing paths for its offer in the modality. The results from the narrative of the PE teacher pointed to the theme of social representations, as well as the scientific publications analyzed. It is concluded that by make visible the analyzed articles, noticed how low is the academic production related to PE and EJA, which highlights the need for further studies on these fields, although they clearly present the rights that student workers have to have access to PE in the EJA.

Keywords: Physical Education. Youth and Adult Education. Research Path. Social Representation. Body.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. MÉTODOS.....	09
3. MAPEANDO E CONTEXTUALIZANDO A PRODUÇÃO ACADÊMICA ENTRE A EDUCAÇÃO FÍSICA E A EJA E O ENCONTRO COM AS NARRATIVAS.....	12
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	13
4.1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: olhares sobre a EF na EJA.....	13
4.1.1 Sentidos construídos: o corpo na pesquisa da EJA.....	17
4.2 DIREITO À EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: traçando caminhos.....	19
4.2.1 Narrativas e saberes específicos construídos na EJA.....	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	29
APÊNDICE.....	31
ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A PROFESSORA.....	32

1. INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos representa a oportunidade de inserção no espaço escolar de pessoas que não tiveram, por algum motivo, a possibilidade de acompanharem o ensino “regular”. Esta modalidade é um direito ofertado ao cidadão, com a finalidade de promover o acesso à educação de qualidade, possibilitando o contato com as diferentes disciplinas que são componentes curriculares obrigatórias desta modalidade.

A Educação Física é uma das disciplinas de oferta obrigatória, porém, a parte prática é ainda facultativa aos estudantes que se enquadram em alguns critérios estabelecidos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 10.793/2003, como por exemplo, ter filhos, ser maior de 30 anos de idade, ter uma jornada de trabalho superior a seis horas por dia, dentre outros. Por muitas vezes, a falta de conhecimento desses critérios leva os trabalhadores-estudantes a acreditarem que a facultatividade é para todos, prejudicando a imagem da disciplina em relação às demais e o trabalho a ser desenvolvido pelo professor. No entanto, a EF tem a abertura de escolha de seus conteúdos, adaptando-os às condições da realidade do espaço escolar e a realidade de seus trabalhadores-estudantes¹, levando em consideração suas histórias de vidas e limitações, o que torna a matéria atrativa e inclusiva.

Assim, ao observar como a Educação Física (EF) está inserida na Educação de Jovens e Adultos (EJA) durante o estágio supervisionado do curso de Educação Física Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas, surgiu o interesse em pesquisar as articulações presentes nas publicações que relacionam as temáticas EF e EJA, na tentativa de adquirir maior familiaridade com o fenômeno pesquisado e buscar contribuir com a construção e aprofundamento teórico na área, ao passo que (des)invisibilizamos percursos de pesquisas, enfatizando um estudo realizado em Maceió.

A partir disso, realizamos um levantamento das publicações acadêmicas relacionado à Educação Física e a Educação de Jovens e Adultos no período de 2004 a 2014, onde houve a categorização dos artigos e análise dos conteúdos presentes

¹ Ao fazermos uso do termo trabalhador-estudante neste trabalho, nos referimos aos sujeitos que possuem jornada de trabalho formal ou informal e que essa característica é anterior a condição de estudante. Assim, o trabalho é primazia em relação ao estudo.

nos textos. Também foi realizada uma entrevista semiestruturada com uma professora de EF que em sua pesquisa de mestrado associou a EF e a EJA, posteriormente foi feita uma análise a partir da transcrição da fala da mesma.

Assim, apropriamo-nos dos dados que foram investigados e buscamos contribuir para a compreensão desse campo, fundamentada de forma coerente, do processo de inserção da EF na EJA.

2. MÉTODOS

Elencamos enquanto questão de investigação: - como a produção acadêmica vem relacionando a Educação Física e a Educação de Jovens e Adultos no período de 2004 a 2014? Enquanto objetivo geral definimos: - (des)invisibilizar e analisar a produção acadêmica que relaciona a Educação Física e a Educação de Jovens e Adultos no período de 2004 a 2014 (10 anos) e enquanto objetivos específicos delimitamos: -mapear e contextualizar a produção acadêmica entre a Educação Física e a Educação de Jovens e Adultos e - compreender os saberes construídos a partir de um percurso de pesquisa na EF na EJA desenvolvida em Maceió. Para tanto, a presente pesquisa baseia-se em uma abordagem qualitativa, a qual “não se preocupa com representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização [...]” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p.32). Assim, a ênfase da pesquisa qualitativa se dá nos processos e nos significados.

Essa pesquisa está assente em um estudo/pesquisa bibliográfica, relacionando-se com o processo no qual o pesquisador faz indagações e (re) construção, realizando investigações por meio dos textos acadêmicos, explorando e compreendendo o objeto de estudo. Assim, entendemos como pesquisa bibliográfica, o estudo de textos científicos sobre a temática definida.

Além disso, Lima; Mito (2007, p. 39) ainda afirmam que:

Como a pesquisa bibliográfica tem sido um procedimento bastante utilizado nos trabalhos de caráter exploratório-descritivo, reafirma-se a importância de definir e de expor com clareza o método e os procedimentos metodológicos (tipo de pesquisa, universo delimitado, instrumento de coleta de dados) que envolveram a sua execução, detalhando as fontes, de modo a apresentar as lentes que guiaram todo o processo de investigação e de análise da proposta.

Nessa perspectiva assumimos a pesquisa bibliográfica com o intuito de explorar as produções que articulam a EF e a EJA. Contudo, essa pesquisa também tem caráter exploratório, que de acordo com Gil (2008) tem como objetivo principal desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. Para Mattar (2001), os métodos utilizados pela pesquisa exploratória são amplos e versáteis, cujos métodos empregados compreendem: levantamentos em fontes secundárias, levantamentos de experiências, estudos de casos selecionados e observação informal.

Optou-se pelo levantamento das produções bibliográficas, assim como pelos levantamentos de dados sobre um percurso de pesquisa que envolveu a EF na EJA desenvolvida na cidade de Maceió. Para tanto, foi necessário realizarmos uma entrevista semiestruturada, que no dizer de Gil (2008) permite a interação com o sujeito a partir das narrativas, a fim de obter o maior número de informações para a problemática investigada. Essa entrevista, foi realizada com uma pesquisadora que desenvolveu um estudo de campo que articulou a EF na EJA, cuja entrevistada teve a possibilidade de narrar suas experiências e seu percurso de pesquisa, a partir do objetivo proposto.

Quanto a caracterização da professora entrevistada, a mesma é formada em Educação Física, tem 31 anos de idade, é alagoana, natural da cidade de Maceió e é Mestra em Educação.

A pesquisa baseou-se na exploração bibliográfica de artigos que foram produzidos e publicados em periódicos entre os anos de 2004 e 2014 relacionados à Educação Física na Educação de Jovens e Adultos. O levantamento dos artigos foi realizado no dia 18 de fevereiro de 2019 na base de dados: Google Acadêmico, cujos descritores utilizados para a busca foi: 'Educação Física na Educação de Jovens e Adultos'. Muitos artigos surgiram, no entanto, nem todos os artigos atenderam as temáticas EF na EJA, onde muitas publicações abordaram apenas uma das temáticas estabelecidas, em outros casos, as publicações não foram publicizadas em periódicos Qualis (A – B).

O recorte histórico utilizado para esse levantamento de dados foram artigos publicados entre os anos de 2004 a 2014 (10 anos), pelo fato da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 10.793 de 2003 citar a obrigatoriedade da integração da EF enquanto componente curricular na educação básica, estando

subentendido a obrigatoriedade da EF na EJA, já que a modalidade EJA faz parte da educação básica (BRASIL, 2003). Assim, demarcamos o recorte temporal para a seleção das produções que emergiram no prazo de 10 anos a partir da Lei.

O levantamento foi realizado nas 100 páginas do referido site, onde em cada uma delas constava-se 10 publicações, entre elas, livros. Entretanto, constatou-se que quanto mais avançávamos nas páginas, mais distanciadas da temática – objeto dessa investigação as publicações se mostravam, inclusive, surgindo nas páginas, teses e dissertações. Após a realização do levantamento e visando a seleção das produções, leituras dos resumos e das conclusões dos trabalhos foram realizadas. Assim, 9 artigos fizeram parte do *corpus* dessa investigação, levando em consideração o recorte temporal. Para maior compreensão do nosso objeto de estudo tivemos que ler de forma integral todos os artigos levantados.

Para a análise da entrevista e das publicações levantadas, recorreremos a análise de conteúdo de forma objetiva e sistemática. Nessa perspectiva, Guerra (2006, p. 62), afirma que:

[...] a análise de conteúdo é uma técnica e não um método, utilizando o procedimento normal da investigação – a saber, o confronto entre um quadro de referência do investigador e o material empírico recolhido. Nesse sentido, a análise de conteúdo tem uma dimensão descritiva que visa dar conta do que nos foi narrado e uma dimensão interpretativa que decorre das interrogações do analista face a um objeto de estudo, com recurso a um sistema de conceitos teórico- analíticos cuja articulação permite formular as regras de inferência.

Assim, essa técnica de análise esteve relacionada com os conteúdos narrados pela pesquisadora e os conteúdos manifestados nas publicações e as categorias temáticas foram organizadas *à posteriori*. Com relação a análise das categorias e subcategorias, estas serão discutidas na seção quatro (4) que trata especificamente da análise e discussão dos dados.

3. MAPEANDO E CONTEXTUALIZANDO A PRODUÇÃO ACADÊMICA ENTRE A EDUCAÇÃO FÍSICA E A EJA E O ENCONTRO COM AS NARRATIVAS

Nessa seção, abordamos as nove produções levantadas. Para tanto, elaboramos à princípio o quadro a seguir que mapeia e contextualiza as produções analisadas.

Quadro 1 – Produções analisadas

AUTOR(ES)	TÍTULO	PERIÓDICO	ANO	FONTE
1. Joyce Mariana Alves Barros; Allyson Carvalho de Araújo; Antônio de Pádua dos Santos; Maria Aparecida Dias; José Pereira de Melo.	A Educação Física traçando caminhos na Educação de Jovens e Adultos (EJA)	Revista Corpus et Scientia	2014	Oriundo de Trabalho de Conclusão de Curso
2. Maria Cecília Camargo Günther.	O direito à Educação Física na Educação de Jovens e Adultos	Revista Brasileira Ciências do Esporte	2014	Oriundo de Projeto de Pesquisa
3. José Antônio Padilha dos Reis; Vicente Molina Neto.	“Pensei que tava na aula de ciências” ou os significados da Educação Física na Educação de Jovens e Adultos	Revista Pensar a Prática	2014	Oriundo de relatório de investigação de Programa de Pós-Graduação
4. Wesley Silva Mauerverck; Neil Franco.	Olhares discentes sobre o ensino da Educação Física na EJA	Revista Eletrônica Pesquiseduca	2014	Oriundo de Projeto de Pesquisa
5. Rosa Malena Carvalho.	Educação Física na Educação de Jovens e Adultos	Revista Lugares de educação	2013	Oriundo de experiência de Curso de Extensão
6. Mariana Purcote Fontoura e Santiago Pich.	A cultura escolar da Educação Física no EJA: o paradoxo entre a ruptura com a noção de atividade e a falta da prática corporal	Educación Física y Ciencia	2013	Oriundo de Projeto de Pesquisa
7. J. D. Alves e Marcos Gonçalves Maciel.	A percepção dos alunos idosos da Educação de Jovens e Adultos sobre a importância da Educação Física para a promoção da saúde	Revista Mineira de Educação Física	2012	Oriundo de Projeto de Pesquisa
8. Luciene Ribeiro Nasser; Juliana Silva Guabiroba.	A Educação Física e o idoso na Educação de Jovens e Adultos	Revista eletrônica do UNIVAG	2012	Oriundo de Projeto de Pesquisa

9. Giane Moreira dos Santos Pereira; Tarso Bonilha Mazzotti.	Representações Sociais da Educação Física por alunos trabalhadores do Ensino Noturno	Revista Motriz	2008	Oriundo de Projeto de Pesquisa
--	--	----------------	------	--------------------------------

Fonte: as autoras (2020)

Mediante análise da produção acadêmica levantada, foi possível elaborar duas categorias e ao analisar as narrativas da professora de EF entrevistada, constatamos um encontro entre os dados, onde apontaram sentidos comuns. Assim, foi possível categorizar os dados das produções acadêmicas analisadas e subcategorizar os saberes construídos pela professora entrevistada a partir das suas narrativas, conforme o quadro 2 a seguir.

Quadro 2: categorização dos dados

CATEGORIA	Representações Sociais: olhares sobre a EF na EJA	Direito à EF na EJA: traçando caminhos.
SUBCATEGORIA	Sentidos construídos: o corpo na pesquisa da EJA	Narrativas e saberes específicos construídos na EJA

Fonte: as autoras (2020)

Salientamos que a fonte de dados que originou as categorias foi a análise da produção acadêmica, enquanto a fonte de dados que originaram as subcategorias foi a entrevista. As categorias e suas respectivas sub-categorias serão discutidas a seguir.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: olhares sobre a EF na EJA

A presente categoria destina-se aos desdobramentos percebidos nas produções acadêmicas relacionados as diferentes representações e olhares sobre a função da Educação Física na Educação de Jovens e Adultos.

De acordo com Souza (2005, p.21):

Falar em representações sociais é remeter-se ao conhecimento produzido no senso comum. Porém, não a todo e qualquer conhecimento, mas uma forma de conhecimento compartilhado [...] falar na teoria das representações sociais é referir-se a um modelo teórico, um conhecimento científico que visa compreender e explicar a construção desse conhecimento.

Assim, considera-se que a Representação social é o conjunto de ideias, perspectivas e crenças que são compartilhadas a partir do senso comum, permitindo o levantamento de dados que levam a construção de um conhecimento científico.

A partir do levantamento realizado, constatamos que os autores buscaram conhecer a representação social da EF na EJA. Nessa direção, há uma ênfase nas compreensões dos trabalhadores-estudantes sobre os campos, onde Reis e Molina (2014, p.647) buscaram:

[...] compreender os significados da Educação Física na perspectiva dos estudantes-trabalhadores. Dar voz aos estudantes possibilitou olhar a Educação Física a partir da perspectiva desses sujeitos e saber o que eles pensam sobre essa prática pedagógica.

Dessa forma, os autores buscaram entender o que os trabalhadores-estudantes da EJA pensam sobre a Educação Física, constatando que “[...] os alunos entendem que a Educação Física é uma importante disciplina na transmissão de informações sobre a saúde” (ALVES; MACIEL, 2012, p. 393-394). Para os autores, ouvir os sujeitos permitiu saber o que os mesmos compreendem e esperam da EF, possibilitando uma aproximação entre o conteúdo e a realidade deles, bem como uma interação entre professor e trabalhadores-estudantes, desencadeando em uma otimização do processo de ensino-aprendizagem. E nesse sentido:

[...] a relação que se estabelece entre a Educação e a Educação Física indica como uma pode contribuir com a outra (e vice-versa) para que se possa pensar em um projeto exitoso para os estudantes-trabalhadores e, por extensão, à sociedade [...] que para os estudantes-trabalhadores, a Educação Física traz temas muito interessantes para a sala de aula e que, talvez, não fossem abordados em outras disciplinas (REIS; MOLINA, 2014, p. 641)

A disciplina Educação Física pode contribuir diretamente e de maneira significativa para a vida, educação e cotidiano dos estudantes-trabalhadores da EJA, visto que, os conteúdos que são ministrados em aulas, se tornam interessantes e atraem a atenção dos trabalhadores-estudantes, pois podem ser utilizados fora da sala de aula e contribuir no dia a dia, como, por exemplo, a prática de alongamentos antes de começarem suas atividades diárias.

Um dos pontos chaves que traz o interesse do trabalhador-estudante dessa modalidade de para a EF é fazê-lo sentir-se presente e pertencente ao processo de

ensino-aprendizagem. Embora as temáticas que são trabalhadas em sala de aula sejam, previamente, definidas pelo professor de EF é importante observar a percepção dos trabalhadores-estudantes sobre esta disciplina, para que os mesmos possam colaborar na escolha dos conteúdos, pois assim, há uma aproximação do que irá ser ministrado com a realidade destes sujeitos, concretizando uma aprendizagem significativa.

Segundo Alves; Maciel (2012, p. 396):

Ao investigar a percepção dos alunos sobre a Educação Física, constata-se que os mesmos compreendem que essa disciplina pode contribuir na sua educação para a saúde, transmitindo informações sobre a promoção da saúde, ou seja, discutindo informações sobre hábitos saudáveis (alimentação e prática de atividade física), bem como os incentivados a adotarem esses hábitos.

Pode-se então destacar a representação dos trabalhadores-estudantes relacionadas aos conteúdos que são trabalhados nesta disciplina, onde, os sujeitos compreendem que a EF está associada a saúde e promove aulas, teóricas e práticas, que auxiliam na melhora da qualidade de vida. Assim, Mauerverck e Franco (2014, p. 426) também apontam que a EF “[...] está ligada à compreensão do corpo em seu aspecto biológico, representando, assim, uma Educação para a saúde e a obtenção de qualidade de vida”.

Apesar da Educação Física não se restringir apenas a saúde, esta temática é a que possui destaque e vem se tornando cada vez mais aceita entre os sujeitos da EJA. Os trabalhadores-estudantes trazem seus próprios conhecimentos de mundo relacionados a saúde e em sala de aula os assuntos, são discutidos de forma a favorecer a apropriação do conhecimento. Segundo Silva e Silva (2007) apud Nasser e Guabiroba (2012, p. 40):

Os idosos entrevistados podem não ter a exata compreensão dos inúmeros benefícios que podem ser alcançados através das aulas de educação física, no entanto, sabem que é importante participar e que traz melhora na qualidade de vida, compreendendo que ganham saúde com os exercícios físicos.

Diante disso, torna-se imprescindível o reconhecimento das representações da Educação Física para os sujeitos da EJA, sobretudo dos idosos, a fim de selecionar os conteúdos e as formas como estes irão ser trabalhados de forma a atender as necessidades de aprendizagens relacionadas ao corpo, levando em consideração o corpo idoso e suas limitações. Assim, mais uma vez, a disciplina deve se preocupar

com a realidade dos sujeitos desta modalidade de ensino.

No entanto, a EF na EJA também deve enfatizar outras temáticas, pois, de acordo com Nasser e Guabiroba (2012, p. 36-37):

[...] a Educação Física escolar deve proporcionar aos alunos espaços para refletir, discutir, problematizar, vivenciar na prática questões relacionadas à motricidade humana, levando o aluno a desenvolver a descoberta e exploração de novos movimentos corporais que tenham significado para si e reflitam de forma positiva em suas atitudes enquanto ser construtor de conhecimento e ajudem na afirmação dos padrões naturais de movimento: locomoção, manipulação e estabilização; um enriquecimento cultural, valorizando as diversas formas de movimento humano como jogos, danças, ginásticas, lutas, esportes e também a valorização da expressão corporal como uma das formas de linguagem, visto que a linguagem verbal e escrita é super valorizada na nossa sociedade

Nessa direção, a Educação Física também deve direcionar suas temáticas para a cultura corporal do movimento, proporcionando momentos de debates, onde os trabalhadores-estudantes explanem seus conhecimentos prévios, fazendo-os refletirem sobre o que está em questão, como também deve promover vivências de práticas corporais voltadas para o movimento, a fim de valorizar suas diferentes maneiras e expressões como forma de linguagem dentro da sociedade, atribuindo novos sentidos para o corpo, ideia central da disciplina de EF.

No dizer de Pereira e Mazzotti (2008, p. 54) para entender estas questões, é necessário compreender o processo de constituição dos significados de corpo para os trabalhadores-estudantes, pois:

[...] o ensino noturno, que atende majoritariamente jovens e adultos trabalhadores, requer a compreensão de espaços e tempos produtivos e não-produtivos, das normas disciplinares que determinam o corpo do trabalhador, que não se faz na escola, uma vez que se efetiva nas vivências pessoais, em seus grupos sociais de referência, no trabalho.

Nesta concepção, é necessário entender como os sujeitos da EJA compreendem seus corpos, levando em consideração a realidade de seus estudantes, onde a ideia de corpo é voltada para um corpo eficiente, ou seja, utilizado para o trabalho. No entanto, alertamos para o fato da individualidade dos corpos, sobretudo, do corpo idoso, que não precisa necessariamente atender aos “padrões” de eficiência, sobretudo do mundo do trabalho, pois suas vivências e práticas sociais são outras.

A partir disso, a disciplina de EF tem a abertura de promover aulas práticas, onde os sujeitos da EJA possam vivenciar diferentes movimentos corporais que

possam auxiliar em suas realidades e atribuir novos significados e sentidos ao corpo para que, a partir disso, possam refletir sobre suas práticas cotidianas e, conseqüentemente, construir seus conhecimentos.

Neste sentido, Freitas (2007) apud Nasser e Guabiroba (2012) citam que a EJA cumpre importante papel educacional, e mais do que alfabetização pretende ser um lugar de educação multicultural, capaz de desenvolver o conhecimento e a integração na diversidade cultural, e associada a EF ao abordar a cultura corporal de movimento também busca agregar conhecimento a dimensão multicultural dos sujeitos da EJA.

4.1.1 Sentidos construídos: o corpo na pesquisa da EJA

Essa subcategoria aborda a temática corpo apresentada nas narrativas da professora de Educação Física entrevistada. É que essa temática foi ao encontro das publicações analisadas pelo fato de ambas abarcarem as representações sociais. Vejamos como a professora entrevistada conceitua representação social:

Representação social é a expressão das ideias, dos pensamentos, das opiniões, é o que o senso comum diz, e a ciência vem e transforma [...] é essa dinâmica social de ideias que circulam, de informações que a todo tempo a gente tem que repassar, que a gente tem que acomodar [...] para estar aí, melhorando as nossas opiniões, os nossos pensamentos e os nossos conceitos (Profa. de Educação Física).

Recorremos a Pereira e Mazzoti (2008) para auxiliar-nos no entendimento das representações sociais, quando afirmam que as pessoas procuram no seu universo social, explicações, tomam posição, e julgam a novidade por meio de conversações em seus grupos sociais de referência ou pertencimento. Tais interações constituem um certo consenso entre os membros dos grupos as “teorias do senso comum”. Nessa direção a professora entrevistada objetivou uma sua pesquisa de mestrado compreender as representações de corpo, conforme cita abaixo:

[...] eu estava estudando inicialmente as representações de ser idoso, e uma vez eu cheguei pra ela [co-orientadora] e disse: professora, isso não sou eu, não tá legal, eu não tô feliz estudando para uma coisa com a qual eu não estou me identificando. E aí nós conversamos e o trabalho foi mudado, mas só foi mudado depois que eu passei [seleção], que ficou representações de corpo na Educação de Jovens e Adultos. Aí o corpo que é uma vertente que eu gosto, sempre gostei de estudar, e a EJA que era modalidade que fazia parte da linha de pesquisa (Profa. de Educação Física).

Conforme percebe-se na fala da professora, as representações sociais de corpo também demarcam o olhar dos estudantes da EF para EJA. É que concordamos com Pereira e Mazzotti (2008, p. 54) quando afirmam que na modalidade EJA “[...] é necessário compreender o processo de constituição dos significados de corpo para os alunos com os quais trabalhamos” visto que, ao identificar a compreensão dos estudantes é possível sistematizar conteúdos pertinentes para estes sujeitos.

Desta forma, “[...] na EJA, a Educação Física vai além e busca participar de um projeto de transformação social, onde a condição humana dos estudantes-trabalhadores integra o conteúdo e define as estratégias de ensino”. (REIS; MOLINA, 2014, p. 640) onde, o professor precisa levar em consideração a realidade dos estudantes e ofertar conteúdos que atendam às necessidades dos jovens, adultos e idosos, fazendo com que esses sujeitos ressignifiquem as diversas temáticas, tornando os conteúdos úteis para além da sala de aula.

É nesse sentido que a professora entrevistada afirma que trabalhar a EF na EJA é:

[...] proporcionar essa redescoberta, por meio do movimento, por meio do incentivo ao crescimento, aos estudos, de dizer para o outro que ele pode ter uma qualidade de vida legal, que ele pode se cuidar, que ele pode crescer que ele termine os estudos e depois que quer vê-lo mais adiante [...] (Profa. de Educação Física).

Ao propor essa redescoberta, inferimos que a professora trata da redescoberta de si, ao focar a qualidade de vida e as representações de corpo dos sujeitos da EJA. Souza (2009) apud Nasser e Guabiroba (2012, p. 41) citam que:

A qualidade de vida está relacionada à auto-estima e ao bem estar pessoal, ou seja, o próprio estado de saúde e a independência para realizar atividades diárias e também o relacionamento deste com outras pessoas criando novos vínculos de amizade.

Com esses autores, compreendemos que a EF pode ir muito além do ensino de conteúdo em sala de aula, influenciando diretamente na vida do indivíduo, proporcionando uma melhor concepção de mundo, do outro, de si e do próprio corpo.

Em relação aos resultados da pesquisa da professora entrevistada, esta relatou que percebeu diferentes representações de corpo para homens e mulheres na modalidade EJA, conforme apontamos abaixo:

As mulheres, [...] elas viam o corpo com uma perspectiva mais do [ponto de

vista] social, do que a mídia fala, que eram gordas e queriam emagrecer e que achavam que a Educação Física tinha essa função, de ajudar elas a emagrecer, que o vôlei, jogar vôlei, iria diminuir a barriga. Eram essas ideias, eram essas representações que elas tinham. Para os Homens, corpo era uma coisa normal, um disse que já sentiu o corpo mais pesado, porque precisava tomar comprimido pra manter o corpo forte, então já é essa ideia do corpo mais velho, mas passou por aceitação, por negação, corpo belo, corpo já adoentado, então foram essas representações que vieram das diferentes falas (Profa. de Educação Física).

Demonstrando que as mulheres viam o corpo pelo prisma social, onde entendiam que a disciplina de EF tinha a finalidade de ajuda-las a emagrecerem e assim seguir os “parâmetros” de corpo divulgados pelas mídias. Já os homens perceberão o corpo como instrumento que precisa ser cuidado, no entanto, a aceitação do corpo “envelhecido” foi percebida como algo natural e que faz parte do processo de vida humana.

Para Le Breton (2007, p. 29-30), o corpo é entendido como uma “[...] estrutura simbólica e, [...] as representações, os imaginários, os desempenhos, os limites que aparecem como infinitamente variáveis conforme as sociedades”, é que diferencia cada representação. Sendo assim, conforme percebemos na fala da professora que as representações de corpo variaram de homem para mulher de acordo com suas próprias percepções.

4.2 DIREITO À EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: traçando caminhos

Essa categoria retrata o direito que os trabalhadores-estudantes têm de terem acesso aos conhecimentos da disciplina de EF inserida na EJA e que foi percebido nas publicações analisadas, à medida que a disciplina vem traçando caminhos para sua oferta na modalidade.

Diante disso a EF vem se mostrando como uma área do conhecimento que tem seu enfoque de desenvolvimento principalmente a partir do corpo, tratando de seus comportamentos e movimentos. “Assim, as experiências corporais no processo de escolarização são entendidas como direito e como produção sócio-cultural – o que significa afirmar a cultura corporal como conhecimento, linguagem e patrimônio cultural” (CARVALHO, 2013, p.46).

A presença da Educação Física enquanto componente curricular na modalidade EJA representa a possibilidade de (des)invisibilizar o conhecimento da

cultura corporal a seu público, onde os trabalhadores-estudantes têm o direito de aprenderem sobre as diversas questões relacionadas ao corpo, saúde, esportes, danças, lutas, ginásticas, dentre outras práticas, produzidas culturalmente pela humanidade, e na escola é a EF que tem a responsabilidade de ofertar esses conhecimentos e que também se inserem na perspectiva do direito desses estudantes terem acesso a esses conhecimentos.

Em relação aos avanços e retrocessos quanto a oferta e direito da EF na EJA, vejamos o que Fontoura e Pich (2013, p.3) afirmam:

Enquanto se avançou na concepção da área quando esta se torna um “componente curricular”, ou seja, uma disciplina que tem um saber, conhecimento a ser apropriado, se retrocede quando é concebida como facultativa, pois reafirma a condição da Educação Física como atividade paralela dentro da estrutura curricular da escola.

A Educação Física ainda é marginalizada no sistema educacional brasileiro, ainda vista como menos importante na formação do sujeito do que disciplinas como português e matemática, sendo a única que trabalha de fato com o corpo, não apenas com o intelecto, ampliando a diversidade de expressão numa sociedade que valoriza a escrita. Atualmente, nos anos 2019, a EF vem sendo ofertada na EJA, no entanto, o caráter facultativo da parte prática desse componente curricular, ainda demonstra retrocesso, no direito que os trabalhadores-estudantes têm de terem acesso a esse conhecimento.

Ao se tornar componente curricular obrigatório afirma-se que a Educação Física tem importância na formação do indivíduo, porém desvalorizada, pois ainda percebe-se que nem todas as escolas ofertam a EF na EJA, o que faz com que esses campos sejam ainda mais marginalizados na escola, mesmo a partir da LDB 10.793/2003², logo:

[...] a fragilidade que a legislação que regulamenta a presença desse componente curricular nos diferentes níveis da Educação Básica apresenta, resultando em uma condição paradoxal na qual a EF, embora componente curricular obrigatório (grifo nosso) tem caráter facultativo (GÜNTHER, 2014, p. 410).

² A partir de 2003 a lacuna da oferta da disciplina Educação Física na modalidade EJA começou a ser minimizada através da Lei 10.793 em 1 de dezembro de 2003, ao tornar a EF um componente curricular obrigatório na educação básica, no entanto, conforme cita Brasil (2003) apresenta termos que facultam aos estudantes a participação nas aulas práticas, sendo estes: I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; II – maior de trinta anos de idade; III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física; IV – amparado pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969; VI – que tenha prole.

Diante disso, é possível constatar que mesmo que a oferta da disciplina de EF no currículo seja obrigatória, existe uma fragilidade em relação a EF na EJA, visto que, nesta modalidade de ensino a disciplina se torna facultativa, o que, por sua vez, torna-se questionável a importância da mesma na EJA, atribuindo a ideia de que a EF não possui relevância em seus conteúdos, se comparada as demais disciplinas presentes no currículo.

Assim é necessário transpor sua realidade marginal com o estabelecimento de “condições adequadas para sua realização considerando-se que já existe uma proposta curricular de EF para EJA, emanada do próprio Ministério da Educação e solenemente ignorada e desconhecida por ampla maioria dos educadores que atuam com esse componente curricular” (GÜNTHER, 2014, p. 410).

Torna-se imprescindível que, não somente os professores de EF, mas como todos que compõe a EJA, tenham conhecimento sobre a importância da disciplina no currículo, evidenciando o que está presente na legislação, assim será possível romper com a condição de marginalidade na qual a EF se encontra e exista uma equiparação da EF com as demais disciplinas que são ofertadas.

Ademais, Günther (2014, p. 407) aponta que as produções sinalizam para um quadro no qual a EF na EJA vem sendo tratada de modo bastante irregular que inclui práticas reprodutivistas, fragmentadas, de caráter recreativo em geral, destituídas de uma reflexão teórica. Em muitos casos, prevalece uma associação com uma possível melhoria das condições físicas.

Assim, um dos fatores que contribui para a condição que a EF se encontra, ainda marginalizada, é pela forma como a própria disciplina é tratada, onde muitas vezes os conteúdos que são ministrados não são ofertados de forma a atender as necessidades de aprendizagens dos seus sujeitos, e muitas das vezes, desvinculado das realidades dos trabalhadores.

Diante disso, a EJA exige que o professor de EF, e os demais docentes, tenham um olhar mais amplo e cauteloso, levando em consideração que os estudantes fazem parte desta modalidade, bem como suas realidades. É nesse sentido que Barros *et. al.* (2014, p.45-46) enfatiza que “[...] formar, equalizar e reparar a EJA é um trabalho em conjunto e não vai ser alcançado somente pelo professor de Educação Física, mas por toda a comunidade escolar, corpo docente e discente”, para que assim, se democratize o acesso dos sujeitos da EJA aos conhecimentos da EF, com o intuito de que cada vez mais os caminhos de oferta da EF na EJA sejam traçados.

4.2.1 Narrativas e saberes específicos construídos na EJA

Essa subcategoria aborda os saberes construídos da modalidade EJA, apresentados a partir das narrativas da professora de Educação Física entrevistada e vai ao encontro de saberes retratados nas publicações analisadas. Vejamos que, inicialmente, a professora entrevistada narra suas primeiras vivências com a modalidade, conforme a seguir:

Quando eu fiz o estágio em EJA, para mim, foi de fato, o estágio. Eu não me identifiquei com o 1 [estágio], com o 2 [estágio], nem com o 3 [estágio], [...] quando chegou lá eu trabalharia com isso, fiquei encantadíssima, porque me apaixonei pelo público, pelo que eu podia levar de conteúdo, eu sentia que ali eu precisava levar vida, então como eu poderia ser útil lá. Então o que eu posso dizer pra você é que o estágio 4, pra mim, na Educação de Jovens e Adultos, foi o melhor de todos, e quando eu fiz a dissertação foi que eu de fato fiz estágio, porque eu passei mais tempo na escola [pesquisando], eu pude ler mais sobre o público, pude estudar mais, então foi o melhor, e é uma pena que a gente só tenha uma disciplina e que é pouca, 20 horas, muito pouco, deveria ser mais, 50 [horas] ensino médio e 50 [horas] eles [EJA] ou 60 [horas] eles [EJA], 40 [horas] ensino médio, não ia custar nada porque realmente é algo que a gente tem que investigar mais e no quesito humano, de todas [disciplinas], penso eu, é a que mais a gente reflete (Profa. de Educação Física).

Percebe-se na fala da entrevistada que o estágio obrigatório realizado durante o período de sua graduação permitiu a esta professora identificação com a modalidade, porém enfatiza o seu desagrado pelo fato do estágio na Educação de Jovens e Adultos possuir poucas horas, ao fazer uma crítica por uma equiparação entre a carga horária deste estágio com a carga horária dos outros estágios, pois acredita que na modalidade EJA há muito a ser investigado e aprendido pelos futuros professores de EF.

Assim, sua crítica por uma divisão justa entre os horários dos estágios na graduação, ressalta a importância da vivência dos acadêmicos de licenciatura em EF na modalidade EJA, pois como afirma Günther (2014, p. 405) “É no dia a dia que se constitui a docência: nas relações que se estabelecem entre os integrantes desse processo, nas decisões e também nas ações que materializam o par aprender/ensinar”.

Vejamos que, ao passo em que se vivencia o cotidiano escolar, sobretudo, o da EJA, é que, de fato, é formado o futuro docente, pois é a partir das experiências do processo de ensino aprendizagem e a relação entre os sujeitos trabalhadores-

estudantes que se constitui esse processo. Porém, nem sempre esta formação acontece desta maneira. Vejamos na fala da entrevistada, que aponta que apenas durante o desenvolvimento de sua pesquisa de mestrado foi possível ter uma maior proximidade tanto com o público da EJA quanto aos saberes específicos relativos a modalidade:

Eu não tinha [EJA] antes da formação inicial ou mesmo no mestrado o conhecimento de quem eram essas pessoas porque eu não tinha tido outra oportunidade, como eu disse, o estágio é muito curto, então não dá pra gente vivenciar isso com mais vontade como foi na dissertação [...] mas eu acredito que foi nos estudos e na pesquisa (Profa. de Educação Física).

Conhecer quem são os sujeitos que compõe a modalidade EJA e o real sentido para qual esta modalidade caminha, se torna imprescindível para o desenvolvimento da atividade docente. Para Mauerverck e Franco (2014, p. 417) “[...] a EJA é uma modalidade da Educação Básica que objetiva reparar uma dívida social àqueles/as excluídos/as dos sistemas de ensino”. Nesta concepção, os sujeitos são tratados como “excluídos”, o que se difere da fala da entrevistada, vejamos que sua concepção sobre os sujeitos desta modalidade possui um outro sentido:

[...] Os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, são homens e mulheres que tem uma história de vida belíssima, desde as pessoas jovens aos mais velhos que estão ali na escola procurando não só oportunidade de estudar, pra terminar os estudos, mas de fazer novos amigos, de espantar a solidão, de conhecer novas pessoas, de ter a possibilidade de acreditar que é possível sonhar (Profa. de Educação Física).

Diante disso, percebe-se que a EJA possui sujeitos de diferentes faixas etárias e histórias de vida, e que o processo de ensino desta modalidade se torna amplo, visto que permite ao trabalhador-estudante ir além da conclusão dos estudos, mas que também busquem a socialização e a integração com outros sujeitos que compõe tal processo. É nesse sentido que, Carvalho (2013, p. 43) afirma que “Os processos educacionais podem ser, a partir daí, entendidos como lugares de encontros, com diferenças antes não vistas, entre tudo aquilo que cada um traz de suas experiências, em vontade permanente de desejar, aprender, ensinar”.

Assim, a EJA se torna um lugar de encontro entre os sujeitos que são diferentes em suas diversidades e diferentes em suas experiências e saberes, mas que possuem o mesmo direito que é a oportunidade de aprender mais.

Na fala abaixo, fica claro a percepção que a professora entrevista possui sobre

a EJA:

[...] a Educação e Jovens e Adultos, ela é uma oportunidade de você conhecer histórias de vida, de você saber trabalhar, aprender a trabalhar, a partir daquelas histórias, não só com base no que a teoria traz, porque a teoria é muito bonita, é tudo muito certinho, mas lá na prática, o pezinho no chão, [...] é assim que você descobre como é que a coisa tem que ser, porque o livro traz bonito, e quem escreveu o livro, será que viveu isso na prática? Ai a gente começa a questionar. Então, EJA é uma oportunidade de você enquanto professor, eu vou falar enquanto professor, de conhecer outras vidas, outras histórias e a partir dessas histórias, dá outros rumos pra que elas tenham uma continuação [...] (Profa. de Educação Física).

Com isso, é possível perceber que a EJA é uma modalidade de oportunidades, não só para os trabalhadores-estudantes que não concluíram o ensino no período “regular”, mas também para o docente, pois nela há uma oportunidade de aprender a trabalhar com um público heterogêneo que possui conhecimentos prévios e diferentes histórias de vida. Para Reis e Molina (2014, p. 640) “[...] Na EJA, a Educação Física vai além e busca participar de um projeto de transformação social, onde a condição humana dos estudantes-trabalhadores integra o conteúdo e define as estratégias de ensino”.

Assim, se torna imprescindível que o professor de EF na EJA, conheça as diferentes histórias de vida, bem como as vivências, limitações e realidade dos estudantes-trabalhadores para que se possa criar estratégias de ensino e sistematizar o conteúdo adequando-o para que todos tenham a oportunidade de aprender. Como afirma Reis e Molina (2014, p. 640):

[...] é importante compreender como os jovens e adultos da EJA aprendem. Para isso é necessário refletir sobre quais conteúdos são os mais adequados e como se pode ensinar e aprender com eles. Entendemos que é através dos conteúdos que professores e estudantes se encontram para construir, de maneira crítica, novos conhecimentos e essa noção impede que as escolhas aconteçam de maneira unilateral.

Com isso, a disciplina de Educação Física tem papel importante na escuta dos sujeitos da EJA, pois deveria levar em consideração o que já conhecem e quais novos conhecimentos podem ser agregados. A escolha do conteúdo deve acontecer de forma crítica, onde o professor reflita sobre como esses saberes irão contribuir de forma significativa para o cotidiano dos seus trabalhadores-estudantes.

Ademais, com a realidade na qual a sociedade e a maioria dos sujeitos da EJA se encontram, a Educação Física ainda se depara com algumas dificuldades para o

desenvolvimento de suas atividades, como cita Carvalho (2013, p. 39):

Uma experiência pouco valorizada é o movimento e a expressão corporal, principalmente a que realizamos em nosso tempo livre – pela conjuntura perversa em que vive a grande maioria da população brasileira (trabalhando para sobreviver). Pela lógica capitalista/mercantilista que diz que “tempo é dinheiro”[...]

Porém, na perspectiva da entrevistada, a EF na razão do movimento dentro da Educação de Jovens e Adultos pode proporcionar aos trabalhadores-estudantes momentos de descontração, aceitação e permissão á aquilo que, muitas vezes, é negado fora sala de aula. A Educação Física proporciona alegria e momentos de redescoberta de si por meio de movimentos, como podemos observar na fala da entrevistada:

[...] Mas eu acredito que a nossa Educação Física, com esse sentido do movimento, da vida, o conceito que eu trouxe antes, ela pode proporcionar isso, que é o que mais anima é o que todo mundo espera, é o momento que a gente rir, que a gente grita, que não tem ninguém pra dizer: “olha, olha pra aqui, olha o quadro, silêncio! Ai não, vamos se soltar mesmo “êêeeh”, que ver a senhorinha se alegrando, aquela senhorinha que muitas vezes teve uma educação podada não pode rir, não pode fazer isso, não pode namorar, só pode casa quando for uma pessoa com um dote “X”, vai conversar pra você ver, então se eu, professora de Educação Física, ofereço a possibilidade dessa pessoa se descobrir no movimento e redescobrir a vida. Então, Educação de Jovens e adultos é isso, uma redescoberta de si (Profa. de Educação Física).

Pich e Fontoura (2013, p. 4) “[...] entende que a Educação Física escolar tem a colaborar com o aprimoramento do educando como pessoa humana, como cidadão e não, apenas, com a preparação física de pessoas”. Assim, a EF possui a ideia de uma contribuição na busca por uma melhora do ser humano como um todo, um ser que faz parte de uma comunidade que socializa, interage e que na busca pela conclusão dos estudos, pode contribuir para o seu desenvolvimento e no de outros sujeitos. Com isso a entrevistada deixa seu rogo, enquanto símbolo de resistência:

Vamos olhar com mais carinho para isso aqui [EJA]. Não é só educação infantil, ensino fundamental e médio, olha, a gente pode trabalhar nesse lado [EJA] também e vamos investir, porque tem gente que precisa da gente. Então, aumentou meu gosto por pessoas e a minha vontade de gritar pro mundo todo: “ei, Educação de Jovens e Adultos existe e a gente pode ir pra lá (Profa. de Educação Física).

Diante disso, podemos perceber o quanto que a modalidade EJA e a EF ainda passam por uma precariedade desde a formação docente ao desenvolvimento dos

saberes específicos para com os sujeitos da EJA, o que faz com que muitos professores não olhem com atenção ou não se interessem em trabalhar com esta modalidade. Esse déficit na formação inicial, como vimos em outra fala da entrevistada, pode ser atribuído a insuficiência da vivência do estágio desenvolvido nesse segmento de ensino. Muitos docentes não sabem lidar com este público alvo, por não possuir vivências e não tem ideia do quanto podem contribuir e serem agentes transformadores da realidade desse público.

Salientamos que a formação profissional dos acadêmicos é fruto do currículo ao qual ele é submetido. Assim, ao observamos o currículo vigente que a professora teve sua formação docente, sendo este elaborado no ano de 2006, percebemos que a EJA foi citada uma única vez no Projeto Pedagógico do Curso em questão, no que refere-se ao conteúdo/matriz curricular, mencionando que a formação desse curso inclui conhecimentos relativos à educação de alunos com necessidades especiais, educação de jovens e adultos e comunidades indígenas, porém não possui enfoque específico sobre a EJA em nenhuma das disciplinas, nem mesmo na disciplina de estágio supervisionado IV que trata sobre a EF no Ensino Médio. Atualmente, nos anos de 2020, outro currículo encontra-se em vigência.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral: (des)invisibilizar e analisar a produção acadêmica que relaciona a Educação Física e a Educação de Jovens e Adultos no período de 2004 a 2014 (10 anos) Ademais, mapeamos e contextualizamos a produção acadêmica entre a Educação Física e a Educação de Jovens e Adultos e compreendemos os saberes construídos a partir de um percurso de pesquisa na EF na EJA desenvolvida em Maceió-AL por uma professora de EF.

No que se refere a (des)invisibilização das produções acadêmicas no período analisados emergiram dos artigos duas categorias. A primeira delas referiu-se as Representações Sociais e os olhares sobre a EF na EJA, onde as produções caminham para os sentidos que os sujeitos da EJA atribuem à EF e o que compreendem a respeito dos conteúdos que são trabalhados nesta disciplina, apontando algumas possibilidades pedagógicas para um melhor desenvolvimento das aulas nesta modalidade, a partir da aproximação da realidade desses sujeitos com os conteúdos da EF.

A segunda categoria levantada através da análise das produções referiu-se ao direto à EF na EJA, onde os artigos apontam a facultatividade ao acesso dos conhecimentos da disciplina por parte dos sujeitos desta modalidade em relação as aulas práticas, destacando também as experiências corporais no processo de escolarização. Embora haja nas publicações afirmação da *cultura corporal* como conhecimento e patrimônio cultural escolar, por um lado, conforme citou Carvalho (2009), por outro lado, Fontoura e Pich (2013) retratam os avanços e retrocessos da EF na EJA, já que a parte prática da EF ainda é concebida como facultativa. Com isso, a Lei 10.703/2003 concede condição de invisibilidade a EF dentro da estrutura curricular da escola, o que acarreta também na marginalização desses campos e que ao (des)invisibilizar os nove artigos no período de 2004 a 2014, levantados no google acadêmico, percebeu-se o quanto ainda é pequena a produção acadêmica que relacionam a EF e a EJA, o que atenta para a necessidade de maiores estudos sobre esses campos, embora, apresentem com clareza o direito que os trabalhadores-estudantes têm de terem acesso a EF na EJA.

Com relação as subcategorias que emergiram a partir das narrativas da professora de EF, constatamos que os sentidos de corpo enquanto temática abordada por essa professora em sua pesquisa realizada na EJA, também abarcou as

representações sociais na perspectiva dos trabalhadores-estudantes. Essas representações enunciaram diferentes sentidos por parte de homens e mulheres, destacando, também, como o professor de EF na EJA deve levar em consideração a perspectiva dos sujeitos bem como suas realidades, a fim de proporcionar aulas que permitam aos trabalhadores-estudantes uma redescoberta de si por meio do movimento que só a EF pode promover, os fazendo ressignificar temáticas que possam ser utilizadas no cotidiano.

Na segunda subcategoria nomeada como: “Narrativas e saberes específicos construídos na EJA”, constatamos que os saberes específicos em relação a EJA construídos pela professora de EF entrevistada, ocorreu sobretudo, a partir do desenvolvimento da sua pesquisa. O que nos fez inferir que a formação inicial necessita incluir disciplinas específicas que atendam o ensino da EF para jovens, adultos e idosos. É que compreendemos que conhecer os sujeitos que compõe a EJA se torna imprescindível para o desenvolvimento das aulas de EF, onde o professor pode proporcionar momentos de aprendizagem e redescoberta de si, tornando a EJA uma modalidade de outras oportunidades, para além da escolarização.

Concluimos que ao passo em que (des)invisibilizamos e analisamos as produções acadêmicas buscamos oferecer pistas de como a EF está inserida na EJA e constatamos que os saberes construídos da professora entrevistada, somente foram construídos a partir do seu percurso de pesquisa na pós graduação. Assim, buscamos ter contribuído teoricamente para que a disciplina de Educação Física na Educação de Jovens e Adultos seja evidenciada desde a formação docente até a prática pedagógica efetivada em sala de aula, cujo desenvolvimento de pesquisas científicas, busquem cada vez mais atrelar a EF e a EJA demonstrando também que existem diferentes possibilidades para trabalhar com uma modalidade que possui um público rico em conhecimento e diversidade como os sujeitos da EJA.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. D.; MACIEL, M. G. A percepção dos alunos idosos da educação de jovens e adultos sobre a importância da educação física para a promoção da saúde. **Revista Mineira Educação Física**, n. 1, p. 390-397, 2012

BARROS, Joyce Mariana Alves et al. A Educação Física traçando caminhos na Educação de Jovens e Adultos (EJA). **Corpus et Scientia**, v. 10, n. 2, p. 33-48, 2014.

BETTI, Mauro; FERRAZ, Osvaldo Luiz; DANTAS, Luiz Eduardo Pinto Basto Tourinho. Educação física escolar: estado da arte e direções futuras. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 25, n. spe, p. 105-115, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 10.793, de 1º de dezembro de 2003. Altera a redação do art. 26, § 3º, e o art. 92 da Lei 9294, de 20 de dezembro de 1996, que “estabelece as diretrizes e bases da educação nacional”, e dá outras providências. Presidência da República – Casa Civil – Subchefia de Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, 2003. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/98122/lei-10793-03>.

CARVALHO, Rosa Malena. Educação física na educação de jovens e adultos. **Revista Lugares de Educação**, v. 3, n. 5, p. 37-49, 2013.

GIL, Antônio. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, Atlas, 6. ed., 2008.

GUERRA, Isabel Carvalho. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso**. Lucerna, 2006.

GÜNTHER, Maria Cecília Camargo. O direito à educação física na educação de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, 2016

ILHA, Franciele Roos S.; KRUG, Hugo Norberto. A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA E A SUA ARTICULAÇÃO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SUA DOCÊNCIA. **REVISTA ELETRÔNICA PESQUISEDUCA**, v. 4, n. 7, p. 24-43, 2012.

LE BRETON; David. **A sociologia do corpo**. 2ª edição, Petrópolis, Vozes, 2007. Tradução: Sônia M.S. Fuhrmann.

LIMA, Telma C. S.; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, v. 10, n. 1, p. 37-45, 2007.

MAUERVERCK, Wesley Silva; FRANCO, Neil. Olhares discentes sobre o ensino da Educação Física na EJA/Student views about the teaching of physical education in youth and adult education (YAE). **REVISTA ELETRÔNICA PESQUISEDUCA**, v. 6, n. 12, p. 416-433, 2015.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

NASSER, Luciene; GUABIROBA, Juliana Silva. A Educação Física e o idoso na Educação de Jovens e Adultos. **Revista eletrônica do UNIVAG**, 2012.
PEREIRA, Giane M. dos S.; MAZZOTTI, Tarso Bonilha. Representações sociais de Educação Física por alunos trabalhadores do ensino noturno. **Motriz. Journal of Physical Education. UNESP**, p. 53-62, 2008.

PICH, Santiago; PURCOTE, Mariana Fontoura. A cultura escolar da educação física no EJA: o paradoxo entre a ruptura com a noção de atividade e a falta da prática corporal. **Educación Física y Ciencia**, v. 15, n. 1, 2013.

REIS, José Antônio Padilha; NETO, Vicente Molina. "PENSEI QUE TAVA NA AULA DE CIÊNCIAS" OU OS SIGNIFICADOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. **Pensar a Prática**, v. 17, n. 3, 2014.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOUZA, M. D. F. A teoria das representações sociais. Diálogo com a teoria da representação social. Edufal, 2005.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA (SEMIESTRUTURADA)

TRAJETÓRIA PESSOAL

Idade:

Local de nascimento:

- 1) Você poderia contextualizar brevemente sua escolarização da infância a vida adulta? (da educação infantil ao ensino superior e mestrado)

TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E DE PESQUISA

- 2) Por que você optou pelo curso de Educação Física? O que lhe motivou?
- 3) Como foi seu percurso de formação no curso em relação aos saberes relacionados a EJA?
- 4) O que é Educação Física para você?
- 5) O que é EJA para você?
- 6) O que é EF na EJA?
- 7) Na sua compreensão quem são os sujeitos da EJA?
- 8) Sua percepção e seus saberes construídos sobre a EF na EJA e seus sujeitos é originária da sua formação inicial ou dos seus estudos e pesquisa no mestrado?
- 9) O que lhe levou a optar pelo mestrado?
- 10) Como surgiu a ideia de pesquisar a EF na EJA?
- 11) Como foi seu percurso de pesquisa na EF na EJA?
- 12) O que você abordou nessa pesquisa?
- 13) O que é representação social?
- 14) Qual a representação social identificada na sua pesquisa?
- 15) O que mais chamou sua atenção nesse percurso de pesquisa?
- 16) O que a pesquisa significou pessoalmente e profissionalmente para você?